

AILBE LUDDY

A CONVERSÃO DE SÃO BERNARDO

Índice Geral

- **PRIMEIRA PARTE**
- **SEGUNDA PARTE**
- **TERCEIRA PARTE**
- **QUARTA PARTE**



PRIMEIRA PARTE

Índice

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)



SEGUNDA PARTE

Índice

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)



TERCEIRA PARTE

Índice

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18



CUARTA PARTE

Índice

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23





A CONVERSÃO DE SÃO BERNARDO

- Resenha dos primeiros capítulos da obra

"Life and Teaching of St. Bernard",

de Ailbe Luddy -

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Poucos homens de distinção possuíram tantos biógrafos como o insigne São Bernardo, Abade de Claraval. A longa lista principia entre os seus contemporâneos e discípulos, quatro dos quais se propuseram sucessivamente registrar para a posteridade os principais fatos de sua maravilhosa carreira. Estas primeiras Vidas latinas foram reimpressas vezes sem conta e traduzidas em muitas línguas. Outras Vidas baseadas naquelas apareceram também em número elevado.





CAPÍTULO 2

Existem algumas dúvidas no que respeita à data de seu nascimento. A maioria dos escritores atribui-lhe o ano de 1091; o abade Vancard, porém, após cuidadoso estudo, pronunciou-se a favor de 1090.





CAPÍTULO 3

Nasceu Bernardo na vila de Fontaines, a pouco mais de uma milha de distância a noroeste de Dijon.

Fontaines é uma encantadora localidade com uma população de cerca de meio milhar de almas. As casas, semi ocultas entre as árvores, estão construídas ao longo do declive de uma agradável elevação no cimo da qual se ergue uma igreja. Esta igreja ocupa hoje parte do terreno de um imenso castelo feudal que outrora coroava a colina e dominava a planície. O tempo fêz com que o resistente castelo, com todas as suas pertenças, desaparecesse da vista dos homens; teria, também, desaparecido da memória se não tivesse sido ali o local do nascimento de São Bernardo, um dos mais brilhantes luminares do firmamento da Igreja.





CAPÍTULO 4

Nas veias de Bernardo corria reunido o sangue de duas das melhores famílias borgonhesas. Diz-se que seu pai, Tescelin, estava ligado à casa real de França. De qualquer modo, gozava de uma posição distinta entre a nobreza de Borgonha. O nobre Tescelin encontrou na senhora Aleth uma companheira digna dele sob todos os aspectos. O pai dela possuía laços familiares com os duques de Borgonha e, através deles, podia alegar parentesco com vários soberanos europeus.





CAPÍTULO 5

Aleth era uma senhora de qualidades e virtudes raras. No começo da adolescência tomara a resolução de consagrar a sua virgindade a Deus, mas quando aos quinze anos foi pedida em casamento pelo senhor de Fontaines e, incitada a aceitar por seu pai, atribuiu o fato à vontade de Deus e sacrificou generosamente o projeto que acarinhara.





CAPÍTULO 6

Esta união foi abençoada com sete filhos: Guido, Gerardo, Bernardo, Umbelina, André, Bartolomeu e Nivard.

Antes do nascimento de Bernardo, sua piedosa mãe teve um sonho que a intrigou e perturbou bastante. Afigurou-se-lhe que gerava no seu ventre um cão branco ligeiramente avermelhado, que ladrava sem cessar. Alarmada, consultou um santo religioso que acalmou-lhe os receios com estas palavras:

"Tranqüilize-se, tudo vai bem. O cão de sua visão guardará a casa de Deus e ladrará fortemente em sua defesa contra os inimigos da fé. Por outras palavras, a sua criança, que está prestes a surgir no mundo, tornar-se-á um pregador ilustre, o qual, com a virtude de uma língua lenitiva,

***como um
cão
bondoso,
curará as
feridas do
pecado em
muitas
almas".***





CAPÍTULO 7

Aleth tomou cuidados especiais para informar as jovens mentes de seus filhos com o hábito do auto domínio. Ensinou seus filhos, mais pelo exemplo do que por palavras, a contentarem-se com a simplicidade em questões de comida e vestuário, sendo o luxo sob todas as formas banido de sua casa. Tão pouco deixou de vincar-lhes os deveres para com os pobres e doentes. Ela costumava visitar os lares dos necessitados e dos enfermos; chegava mesmo a varrer-lhes os quartos, a preparar-lhes e servir-lhes as refeições e a lavar-lhes a louça.





CAPÍTULO 8

Estas lições não ficavam perdidas em Bernardo o qual, sem dúvida, devia acompanhar sua mãe naquelas visitas piedosas. Nisto, como em outras coisas, tomava-a por modelo.





CAPÍTULO 9

Por muita ternura que sentisse pelos seus pequenos, Aleth não permitia que o seu afeto os mimasse com indulgências supérfluas. Desde os primeiros anos procurou inculcar-lhes um amor profundo por Deus e por tudo quanto se lhe relaciona, e sentimentos de estima mútua e caridade. Não possuímos meios seguros de confirmar qual era o alcance da educação ministrada aos filhos de Tescelin sob o teto paterno, todavia poucas dúvidas poderão existir de que eram instruídos profundamente na religião.





CAPÍTULO 10

Era desejo de Tescelin que todos os seus filhos seguissem, como ele, a carreira de armas. À parte a Igreja, esta era considerada a única vocação digna de um fidalgo. Porém Aleth achou de seu dever interferir no caso de Bernardo. Este era demasiadamente fraco e delicado para a dureza da vida militar, ao passo que os seus hábitos estudiosos e espantosos dotes pessoais pareciam elegê-lo para uma carreira algo de mais intelectual. Ficou decidido que Bernardo ingressaria numa das escolas mais famosas da época para aperfeiçoar-se em todas as formas de erudição.





SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 1

Durante a primeira metade do século X a situação na Europa atingira quase o barbarismo. As grandes escolas de Carlos Magno tinham desaparecido com o seu Império, e nada havia surgido para substituí-las.

Contudo, cerca de quarenta anos antes do nascimento de Bernardo surgiu uma nova era. Homens de santidade e de grande talento apareceram para reacender o facho da sabedoria em várias cidades da Europa. Foram estabelecidas grandes catedrais-escolas em muitas cidades que atraíram às suas salas de ensino multidões de estudantes interessados. Em breve foram fundados locais de estudo semelhantes e não menos famosos junto dos templos de catedrais já existentes, como o de Saint Vorles, em Chatillon-sur-Seine, dirigido por sacerdotes seculares, onde estudou São Bernardo.

O currículo de estudos em todos estes estabelecimentos era o das velhas escolas carlovíngias, abrangendo, além de Teologia e Exegese das Sagradas Escrituras, aquilo que era conhecido por Trivium e Quadrivium. O Trivium compreendia Gramática, Dialética e Retórica. No Quadrivium estavam incluídas Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Estes sete ramos de ensino eram conhecidos como as Sete Artes Liberais.





CAPÍTULO 2

Por conseguinte, os pais de Bernardo tinham um bom número de escolas célebres por onde escolher. A mais próxima e não menos famosa era a de Dijon. No entanto, em vez desta, foi a de Saint Vorles, em Chatillon-sur-Seine, a escolhida. Possivelmente os pais de Bernardo ponderaram que deparariam-se para o seu filho demasiadas distrações em uma escola tão perto de casa como a de Dijon. Além disso, Tescelin possuía uma mansão em Chatillon-sur-Seine, onde ele havia nascido, bastante perto da igreja de Saint Vorles. Ali a mãe poderia fixar residência de vez em quando e observar os progressos do rapaz. Outro fato que deve ter pesado ainda em seus pais foi a elevada reputação, tanto de virtudes como de erudição, de que gozavam os cônegos seculares à testa da escola de Saint Vorles.





CAPÍTULO 3

Bernardo foi, portanto, para Chatillon-sur-Seine com cerca de oito anos de idade.

O filho de Tescelin começou a distingüir-se pouco depois de sua chegada. Possuía uma sede insaciável de conhecimentos e revelava uma rapidez e poder de compreensão que espantava profundamente os seus mestres. Sentia prazer especial em ler os poetas latinos e tão profundamente embrenhou seu espírito nas suas composições que conseguia citá-las corretamente até quase o termo de sua vida. Ninguém que esteja de alguma forma familiarizado com as suas obras duvidará de que ele adquiriu um profundo domínio de Retórica e Dialética.





CAPÍTULO 4

A Escritura Sagrada foi, no entanto, e desde o começo, o estudo favorito de Bernardo. Na verdade, um de seus primeiros biógrafos assegura-nos que se ele não descurava de meio útil algum de cultivar o espírito, o fazia apenas com o intuito de aplicar-se com maior proveito ao estudo da Ciência Sagrada.





CAPÍTULO 5

Provavelmente não existiam alojamentos junto da escola de Saint Vorles, pelo que os estudantes provenientes de pontos afastados tinham de hospedar-se na cidade. Bernardo possuía muitos amigos na localidade, mas é mais natural supor que viveu na mansão pertencente ao seu pai, da qual alguns de seus parentes se ocupariam. De qualquer modo, era ali que costumava encontrar-se com sua mãe quando ela ia visitá-lo. Foi também naquele lugar que lhe foi concedida, ainda no princípio de sua vida de estudante, a célebre visão que, de certa maneira, santificou a sua juventude e que tanto lhe agradava recordar nos últimos anos de sua vida.





CAPÍTULO 6

Era véspera de Natal de 1098, o mesmo ano da fundação do Mosteiro de Cister. Era o primeiro ano em que Bernardo freqüentava o colégio e Aleth estava em Chatillon, passando as festividades de Natal junto com o seu filho. Era costume dos cristãos devotos assistirem ao ofício solene das Matinas na noite consagrada ao nascimento do Redentor.

Desacostumado, porém, a manter-se acordado até tão tarde, o rapaz adormeceu na cadeira. Desenrolou-se, então, na sua maravilhosa imaginação, o mistério consumado no estábulo de Belém. Contemplou o divino infante recém nascido de uma beleza inexprimível. A Virgem Mãe permitiu-lhe mesmo que acarinhasse o seu menino. Mas, de súbito, a visão foi interrompida por Aleth, pois havia chegado o momento de envergar o seu traje do coro e de seguirem para a igreja. Este primeiro favor sobrenatural abriu no coração do rapaz uma fonte de doçura divina que nunca mais se extinguiu. A partir deste momento, Bernardo rendeu-se àquele apaixonado amor pessoal pela Humanidade Sagrada de Cristo que o distingüe de todos os servos de Deus desde a era apostólica. A, juntamente com ele, desenvolveu-se na sua alma a mais terna e infantil devoção por Maria.





CAPÍTULO 7

Bernardo é descrito nos seus tempos de estudante como invulgarmente pensativo, de poucas palavras e tão extremamente tímido que constituía para ele um tormento ter que conhecer caras novas. Os rapazes com este temperamento raramente se tornam populares. Não obstante, é-nos assegurado que o filho de Tescelin era querido em Saint Vorles. Bernardo, apesar de seus modos discretos, atraíu à sua volta os melhores talentos da escola. Tal como sucedeu com outros ilustres servidores de Deus, nomeadamente São Paulo e Santo Agostinho, os sentimentos humanitários do excelente coração de Bernardo eram extraordinariamente fortes e ternos.





CAPÍTULO 8

Nunca Bernardo repudiava um amigo. Uma vez conquistada, a sua amizade mantinha-se perpetuamente. O seu amor, como os dons de Deus, não conhecia limites. Sofria imensamente com a morte ou mesmo com a ausência temporária dos amigos, porém acima de tudo com a sua frieza e desprezo.





CAPÍTULO 9

A vida escolar de Bernardo parece ter sido, de um modo geral, bastante feliz. A existência estudiosa tranqüila e piedosa na companhia de seus amigos queridos acomodava-se ao seu espírito amável e dócil. Contudo, havia algo em Saint Vorles que lhe desagradava profundamente e o magoava. Eram as lições de Escritura e de Teologia. Era o alvorecer do Escolasticismo ou de um novo modo de ensino, cujos primeiros mestres, infelizmente, estavam com demasiada freqüência infeccionados com o espírito racionalista. Não deveria haver mais mistérios, exceto para os ignorantes. Nenhuma verdade seria aceita desde que não pudesse ser apresentada como uma conclusão de um silogismo válido.

Mais tarde veremos Bernardo, sozinho, travar batalha contra os corifeus desta escola. De momento, entretanto, recorria à oração e à meditação das Sagradas Escrituras para neutralizar o veneno inalado nas aulas.





CAPÍTULO 10

No ano de 1110 Bernardo regressou a Fontaines. Havia permanecido treze anos em Saint Vorles onde aprendera tudo quanto os seus mestres lhe haviam podido ensinar. A questão de sua carreira futura estava ainda por decidir, mas ele contava naturalmente com o conselho de sua mãe para tomar a importante decisão. Aguardava-o, no entanto, uma dolorosa decepção.





CAPÍTULO 11

No mês de agosto seguinte ao regresso de Bernardo, toda a família se encontrava reunida na antiga residência. Era um período feliz. Certo dia, porém, em meados daquele mês, Aleth, então somente com quarenta anos de idade e aparentemente com saúde perfeita, anunciou serenamente que a invadira o pressentimento da aproximação de sua morte. Suas palavras, aparentemente destituídas de qualquer fundamento, provocaram o maior alarme na família. A idéia era insustentável, mas os seus filhos a conheciam muito bem para suporem que tivesse falado de ânimo leve e sem motivo plausível. Não voltou-se a falar mais no assunto, porém, até o dia 31 de agosto, véspera do patrono da Igreja de Fontaines. Naquele dia Aleth adoeceu com febre e foi forçada a recolher-se ao leito. Chamou os seus filhos à cabeceira da cama e solicitou que os sacerdotes lhe ministrassem o sagrado viático, pois a sua hora se aproximava. Concluída a cerimônia, a paciente rogou-lhes que recitassem a ladainha para os moribundos, pois sentia-se a extinguir-se. Proferiu os responsórios com o maior fervor até que, no esforço de persignar-se, expirou tranqüilamente.

Para Bernardo este foi o primeiro e, talvez, o maior desgosto de sua vida.





TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Mais tarde, ao comentar as palavras de Cristo,

***"É
vantajoso
para vós
que eu
me
afaste",***

Bernardo sugere que a afeição natural dos discípulos pelo Mestre, embora bondosa e sagrada, podia ter representado um obstáculo para o seu progresso espiritual se a sua presença judiciosa não se houvesse retirado. Talvez, no mesmo sentido, o afastamento de Aleth fosse vantajoso para Bernardo.





CAPÍTULO 2

Para compreender um pouco do que sofreu sob o peso desta imensa cruz, deve ler-se a mais comoventes das orações fúnebres que brotou do seu coração amargurado perante a sepultura de seu irmão Gerardo, e recordar que era então relativamente velho, habituado a sofrimentos e tristezas. Quando da morte de sua mãe, nem na própria oração Bernardo conseguia encontrar lenitivo. Umbelina esforçou-se por consolá-lo e Bernardo, para ser-lhe agradável, associou-se em alguns passatempos com uns jovens que freqüentavam agora o castelo.





CAPÍTULO 3

Os desportos ao ar livre mais populares naquela época eram os torneios e a caça com falcões, xadrez, dados, prestidigitação e dança. Gradualmente Bernardo foi gostando destas diversões. Principiou igualmente a sentir prazer com a companhia de certos jovens cuja conduta não teria merecido a aprovação da sua mãe. Era um período perigoso. Experimentava aquele abandono gradual que mais tarde descreveu ao seu amigo, o Papa Eugênio:

***"De começo,
afigura-se-nos
insuportável.
Pouco depois,
quando nos
achamos algo
acostumados
a ele, não se
nos apresenta
tão medonho.
Mais tarde,
ainda nos
chocará
menos, até
que nos deixa
de chocar por
completo.
Finalmente,
princiaremos
a sentir
prazer. Deste
modo, pouco
a pouco vai-
se adquirindo
uma dureza
de coração
que conduz
ao desprezo
pela virtude".***





CAPÍTULO 4

É a este período de dissipação relativa que Bernardo alude no seu décimo terceiro Sermão sobre o Cântico dos Cânticos:

***"Portanto,
aqueles que
me nomearam
guarda das
vinhas
deviam ter
observado
como as
minhas são
mal
conservadas.
Quanto tempo
permaneceram
abandonadas,
esquecidas e
incultas!
Evidentemente
que não se
obteve delas
vinho algum,
pois os ramos
da virtude
murcharam
no tronco
ressequido da
fé. Assim era
eu quando
vivia no
mundo".***





CAPÍTULO 5

Bernardo encontrava-se em um declive escorregadio e parecia de momento totalmente alheio ao perigo. Necessitava de um choque para chamá-lo à realidade, o choque de uma tentação violenta, que não tardou a surgir- lhe.





CAPÍTULO 6

Certa ocasião em que seguia a cavalo longe de casa em companhia de alguns amigos, foram surpreendidos pelo anoitecer, vendo-se forçados a procurar hospitalidade numa casa estranha. Durante a noite Bernardo acordou descobrindo uma visita em seu quarto. Era a dona da casa no papel da enviada de Satanás. Assim que se apercebeu do que se preparava simulou, com admirável presença de espírito, estar em presença de uma tentativa de roubo e, com todas as forças dos seus pulmões gritou:

***"Gatunos,
gatunos!"***

A intrusa desapareceu instantaneamente e, escusado será dizer, efetuada uma busca minuciosa, não surgiu ladrão algum.

Uma segunda tentação do mesmo gênero encontrou-o igualmente firme. Mas a terceira, pela qual ele foi responsável, aproximou-o perigosamente da orla do abismo. Esquecido de sua vigilância habitual, permitiu que os seus olhos pousassem por um momento em um objetivo perigoso. Pela primeira vez, experimentou a rebelião da carne. Alarmado, então, perante o espectro do mal e pleno de remorsos pela sua falta, implorou imediatamente o auxílio do céu e, afastando-se do local, foi mergulhar em um pequeno lago e ali se manteve, meio morto de frio, até que a perturbação interna desapareceu totalmente. Das palavras de seus primeiros biógrafos conclui-se que decidiu naquele momento permanecer perpetuamente casto; de qualquer forma, resolveu modificar o seu modo de vida.





CAPÍTULO 7

Encontrava-se agora diante de uma encruzilhada, plenamente cômico de que para ele não poderia existir uma posição intermédia; devia dedicar-se totalmente a Deus ou ao mundo, em nenhum dos casos serviria uma lealdade condicionada.





CAPÍTULO 8

Para quem possuía semelhantes dons transcendentais, físicos, morais e intelectuais, não existia na Igreja ou no Estado posição que não estivesse ao seu alcance. Aguardavam-no brilhantes êxitos nos diversos campos da Teologia, Filosofia, Direito ou Letras, ou poderia ainda ter-se enfileirado na famosa galeria de clérigos políticos. Em qualquer profissão que escolhesse conseguiria certamente a imortalidade concedida pelo mundo. Afirmar que tais empreendimentos terrenos não lhe despertavam atrativos equivaleria negar que fosse humano. Constituiria uma depreciação do valor de seu sacrifício. Na realidade, sabemos que sentia forte inclinação por uma carreira literária. A ambição,

***"a última
enfermidade
dos
espíritos
nobres",***

parece ter sido o inimigo mais forte que encontrou; ambição, não de poder, mas de celebridade literária.

***"Ó
ambição",***

exclama ele em uma carta ao Papa Eugênio,

**"tormento
dos teus
devotos!
Como
dilaceras
todos os
que te
amam e
apesar
disso
continuam
a amar-
te!"**

E no seu quarto Sermão relativo à ascensão, referindo-se em especial à ambição do saber, diz:

**"Outro
homem se
sente
ambicioso
do saber
que
ensoberbece.
Que
trabalhos
não terá que
suportar!
Que
angústia e
amargura de
espírito! E,
no entanto,
pode-se
dizer-lhe:**

**`Por mais
que te
esforces,
nunca
alcançarás o**

teu objetivo'.

***Mas, ainda
que consiga
adquirir
grande
sabedoria,
qual será o
seu
proveito? O
Senhor
disse:***

***`Destruirei a
sabedoria
dos sábios e
reprovarei a
prudência
dos
prudentes"'.
"***





CAPÍTULO 9

Mas se Bernardo receava demasiado os perigos mundanos, existia ali perto o magnífico mosteiro de São Benigno, infinitamente caro ao seu coração por ser o santuário onde repousavam os restos mortais de sua mãe, ou o de Cluny, igualmente próximo, com as suas centenas de abadias dependentes, as quais haviam contribuído para a Igreja com tantos santos, papas célebres e bispos, durante os duzentos anos da sua existência. Ali os mais nobres empreendimentos de arte nos diferentes domínios da música, pintura, escultura e arquitetura, para não falar no grandioso cerimonial, dariam plena satisfação ao seu sentido estético.

Tudo isto, porém, não correspondia à vida monástica que Bernardo idealizara. Possuía demasiadas consolações naturais para oferecer, ao passo que a sua alma, como ele dizia para consigo, necessitava de um forte medicamento. Considerava-a muito brilhante, enquanto, segundo o seu pensar, um monge deveria possuir um instinto semelhante ao das toupeiras, um desejo de ocultar-se da luz do Sol e dos olhares dos homens e fim de dedicar-se inteiramente a Deus. `Ama passar desapercibido', que será mais tarde a sua recomendação aos outros, constituía agora o princípio que o guiava. Portanto, os seus pensamentos afastaram-se descontentes de Cluny para se ocuparem com outra casa religiosa, pobre e obscura e aparentemente prestes a extinguir-se, o mosteiro de Cister, cuja história de sua fundação é chagado o momento de contar.





CAPÍTULO 10

Por volta de 1077 um jovem inglês, que posteriormente ficaria conhecido com o nome de Santo Estêvão Harding, homem de boa linhagem e educação, após ter completado sua educação em escolas da Irlanda e Paris, havia partido em peregrinação ao túmulo dos santos apóstolos em Roma. Regressava agora à Inglaterra e, em seu caminho, dirigia-se ao novo mosteiro beneditino de Molesmes, na Borgonha, para solicitar hospedagem e, aproveitando a sua estadia, certificar-se dos relatos que corriam sobre o extraordinário fervor desta fundação.

Se Estêvão esperava encontrar em Molesmes uma magnífica abadia deve ter ficado decepcionado. O mosteiro, se assim podia ser chamado, consistia de um grupo de cabanas de vime agrupadas em redor de um oratório de madeira e cercadas de um terreno cultivado, desbravado no centro de uma extensa floresta. Os monges, em número reduzido, eram extremamente pobres, comendo pão, quando conseguiam algum, obtido com o trabalho de suas mãos e não poucas vezes se viam reduzidos à situação de indigência absoluta.

Estêvão, no entanto, longe de sentir repulsa perante o espetáculo de tantas privações, contemplo com sincera admiração a coragem daqueles homens que haviam em boa verdade abandonado tudo para seguir o seu Mestre. Julgou por fim ter encontrado a realização do verdadeiro ideal monástico e decidiu permanecer o tempo que lhe restasse de vida naquele lugar consagrado. O abade de Molesmes, Roberto, nascido em 1018, descendia de uma família nobre de Champagne, homem de fino talento e elevados dons pessoais, e um reconhecido mestre da vida espiritual, cuja reputação de sabedoria e santidade já percorrera toda a Europa. Alberico, o prior, era igualmente conhecido pelo seu saber e devoção. Quanto aos monges, eram humildes e trabalhadores, adeptos sinceros da disciplina e profundamente dedicados ao seu santo abade. O peregrino inglês solicitou e obteve admissão nesta família, agora a aumentar rapidamente em número, feliz na esperança de encontrar finalmente a paz.





CAPÍTULO 11

Durante algum tempo tudo correu bem. Embora a vida fosse árdua, estava liberta dos espinhos das preocupações mundanas e, além disso, adoçada com o mel das consolações divinas. No entanto, surgiu uma ocasião em que os mantimentos escassearam e os monges se viram ameaçados de morrer de fome, quando a Providência lhes proporcionou alguns amigos generosos que lhes forneceram não só o auxílio imediato para as suas necessidades como também os libertou de terem de ganhar o sustento com o trabalho de suas mãos.

Sendo o que é a fraqueza humana, o resultado era fácil de prever. A virtude que florescera no inverno da adversidade, murchou e feneceu perante o brilho da prosperidade, e com a fortuna material veio o desamparo espiritual. O abade proferia recriminações, súplicas, ameaças, tudo de balde. Por fim, Roberto decidiu abandonar para sempre os seus filhos degenerados. Na sua resolução foi acompanhado por Alberico, o prior, Estêvão, agora subprior e cerca de dezenove dos membros mais fervorosos da comunidade.





CAPÍTULO 12

Partiram no começo de 1098 para uma floresta vizinha, situada na Diocese de Chalons. O ponto mais denso e obscuro deste ermo silvestre, esconderijo seguro da raposa e do lobo, num local conhecido pelo nome de Cister, veio a ser, deste modo, o berço da Ordem Cisterciense.





CAPÍTULO 13

Cerca de um ano mais tarde a comunidade de Molesmes, prometendo uma regeneração total, conseguiu que o Papa Urbano II ordenasse a volta de Roberto ao seu mosteiro de origem. No novo mosteiro de Cister Alberico tornou-se abade e Estêvão foi nomeado prior.





CAPÍTULO 14

No ano de 1109 Santo Alberico abandonou para sempre os seus companheiros e Estêvão foi escolhido para suceder-lhe como abade de Cister. Apesar de haver herdado todas as virtudes de seu santo predecessor, o novo abade tornou-se notado especialmente pelo seu amor aos pobres. Decidiu que seus subordinados deveriam se contentar com a simplicidade. Encarava as ornamentações supérfluas das igrejas monásticas como um desacato à humildade religiosa e uma fértil fonte de distrações. Tudo foi banido inexoravelmente. Estêvão chegava a lamentar-se de que o amparo fornecido pelos ricos não permitia que o seu mosteiro ficasse tão dependente da Providência como ele desejava. Hugo, o novo Duque da Borgonha, foi por este motivo informado que as suas visitas a Cister deixavam de ser desejáveis, embora seu irmão fizesse parte da comunidade e seu pai estivesse sepultado na igreja da Abadia.





CAPÍTULO 15

A verdade era que Estêvão decidira não permitir laço algum entre a Ordem e o mundo. E conquanto previsse as conseqüências que esta ruptura acarretaria para Cister, não vacilaria em seguir o único caminho que os seus princípios lhe indicavam.





CAPÍTULO 16

O mosteiro não tardou a ficar reduzido ao estado de abandono. Haviam decorrido muitos anos sem a chegada de um único noviço.





CAPÍTULO 17

No ano de 1111, quando a mortalidade penetrou na comunidade e Estêvão viu seus filhos, um após o outro, serem transportados para o túmulo, ele foi invadido pela dúvida torturante sobre se a vida austera que ele e os seus monges haviam observado estaria de acordo com a vontade divina. Agindo, então, conforme se crê, por uma inspiração especial, ordenou a um irmão moribundo que voltasse do além com uma resposta.





CAPÍTULO 18

Alguns dias após a sua morte, o religioso apareceu envolto em uma auréola, com a certeza de que o seu sacrifício fora aceito. Dentro em pouco a sua paciência seria recompensada de uma maneira que ultrapassaria as suas mais otimistas esperanças. O abade compreendeu então que cada estabelecimento, assim como cada indivíduo, destinado a realizar algum feito importante para a glória divina, deve ficar marcado com o sinal da cruz.





QUARTA PARTE

CAPÍTULO 1

Tal era a abadia para onde os pensamentos de Bernardo começaram a dirigir-se quando se interrogou acerca de seu futuro. Certamente não poderia encontrar-se outro refúgio tão adequado para quem desejasse morrer para o mundo e dedicar-se inteiramente à devoção.





CAPÍTULO 2

No entanto, a prudência aconselhava-o a, antes de prosseguir, consultar alguém cuja devoção e sabedoria fossem dignas de confiança, alguém que desempenhasse para ele a função de guia espiritual. Ninguém lhe pareceu melhor qualificado do que o seu tio materno, o qual, embora fosse militar profissional com elevada patente no exército, era irmão digno da santa Aleth. Gaudry estava ocupado naquele momento no cerco de Grancey-le-Château mas, mesmo assim, procurado por Bernardo, longe de tentar dissuadir o jovem de seu propósito, mostrou a sua inteira aprovação.





CAPÍTULO 3

Bernardo possuía outros parentes naquele acampamento militar aos quais, depois de ver-se assim encorajado por seu tio, revelou também a sua intenção. Todos estes, no entanto, acolheram a comunicação com um estado de espírito bastante diferente. Bernardo viu-se imediatamente assaltado por uma onda de protestos veementes. Cister! Só esta palavra bastava para inspirar-lhes horror. Representaria autêntico suicídio para alguém como ele. Não era capaz de descobrir melhor emprego para o seu talento do que enterrá-lo sob o signo do silêncio perpétuo? Não receava o castigo indicado para o servo inútil? Se se considerava incapaz para o exército, não poderia buscar uma carreira na Corte ou na Igreja, ou em algumas das escolas famosas de Teologia, Filosofia, Direito ou Letras?





CAPÍTULO 4

A princípio estes argumentos não lhe causavam impressão, mas como o ataque se mantinha, foi fraquejando até que cedeu totalmente. Não seria monge, mas sim homem de letras. Seus irmãos, evidentemente, ficaram satisfeitíssimos com o sucesso obtido. Quanto a Bernardo, sentia tudo menos contentamento. Regressou de Fontaines amargurado, perseguido pela dolorosa suspeita de que desobedecia a uma chamada divina e expunha ao perigo a sua salvação. Anularia ele assim a consagração de seu nascimento ao dedicar a vida em busca da vaidade?





CAPÍTULO 5

Por fim, no outono de 1111, caminhando pela estrada de Grancey onde o exército ainda se achava acampado, ao passar por uma igreja solitária entrou e, prostrado diante do altar, implorou ao Deus Todo Poderoso que se apiedasse da sua desdita. A sensação da presença de sua mãe invadiu-o com espantoso realismo e, ao mesmo tempo, o gelo que cobria o seu coração derreteu-se e a sua alma angustiada encontrou conforto em uma torrente de lágrimas de felicidade. Todas as dúvidas e trevas se lhe desvaneceram do espírito, iluminado uma vez mais pelo Sol radiante da graça divina. Com um regozijo maior do que a sua antiga tristeza, Bernardo chegou a Grancey e informou os seus parentes do renovado propósito de consagrar a vida a Deus e à sagrada religião. O ataque reacendeu-se com vigor mas, desta vez, inutilmente.





CAPÍTULO 6

Então, perante a surpresa geral, Gaudry, apesar de marido e pai, anunciou a intenção de acompanhar o seu sobrinho a Cister. Seguiram juntos para Fontaines para despedirem-se de Tescelin. No castelo, encontraram Bartolomeu, irmão de Bernardo, nesta época um rapaz de dezesseis anos, que acedeu prontamente ao convite fraterno e prometeu reunir-se-lhes na sua fuga do mundo.





CAPÍTULO 7

Encorajado por este triunfo, Bernardo concebeu o propósito ambicioso a aparentemente infrutífero de induzir os seus irmãos no exército a proceder da mesma forma. Fêz, portanto, mais uma vez a sua aparição no acampamento.





CAPÍTULO 8

Principiou seu apostolado com André, que acabava de receber as esporas de cavaleiro e cujo espírito se encontrava estonteado com sonhos de glória militar. A proposta foi acolhida com soberano desdém. Não se curvava perante argumento algum, até que repentinamente a santa Aleth surgiu diante dos seus olhos, a sorrir brandamente e encorajando-o, como que a apoiar o apelo de seu irmão. O assunto ficou imediatamente resolvido. A carreira militar de André findara.





CAPÍTULO 9

A seguir foi a vez de Guido. O caso era um pouco delicado pois, além de casado, possuía filhos, o mais novo dos quais ainda de peito. O atentado para separar laços tão sagrados parece-nos hoje extremamente cruel, se não mesmo criminoso, mas devemos recordar-nos que Bernardo era um santo de Deus e agia por inspiração divina. Guido, homem de caráter profundamente religioso, vencido pela sua urgência, prometeu ingressar no convento com a condição que a sua jovem esposa, Isabel, desse o seu consentimento. Era este um duro sacrifício para pedir à pobre esposa e mãe. No entanto, Bernardo não hesitou. Em sua opinião nenhum sacrifício era excessivo desde que fosse dedicado a Deus e à eternidade. Porém Isabel rejeitou a resposta com indignação. Consentir em renunciar ao marido que adorava e ao pai dos seus desamparados filhos? Nunca. Bernardo então assegurou-lhe que não haveria necessidade disso, pois antes da próxima Páscoa Guido ficaria livre para seguir a sua vocação por consentimento de sua esposa ou por sua morte.

E realmente assim sucedeu. Isabel adoeceu pouco depois e, prestes a expirar, mandou chamar o seu inflexível cunhado. Quando este chegou ela exprimiu-lhe o seu arrependimento por se haver oposto à vontade de Deus. Guido agora tinha o seu consentimento para ingressar no convento. Depois desta cena principiou a melhorar e não tardou a ficar completamente restabelecida. Por volta de 1114 retirou-se para o convento de July, uma casa beneditina dependente de Molesmes, onde veio a tornar-se superiora.





CAPÍTULO 10

Conquistado Guido, Bernardo dedicou-se ao seu segundo irmão. Gerardo era um militar nato com elevada reputação de bravura e prudência, e extremamente popular entre os soldados. Em seu entender, a carreira das armas era a mais nobre a que um homem poderia se dedicar. Sentia-se, portanto, altamente indignado com o fanatismo de Bernardo e com a loucura dos que o seguiam. Podemos imaginar como recebeu o convite para imitar-lhes o exemplo. Os argumentos e as súplicas apenas serviram para o irritar ainda mais. Então Bernardo, inspirado por aquele espírito de profecia já revelado no caso de Isabel, pousou a mão no peito do militar e lhe disse:

***"Sei
perfeitamente
que apenas a
dor te abrirá os
olhos. Portanto
escuta: não
tardará a surgir
o dia em que
uma lança te
perfurará o
peito e abrirá
até o coração o
caminho para
os conselheiros
da salvação que
agora
desprezas
rancorosamente.
Invadir-ta-á o
temor da morte,
mas não
morrerás".***

Dias depois Gerardo foi ferido e feito prisioneiro. Uma lança cravou-se-lhe no corpo no local exato onde havia pousado a mão de seu irmão. Convencido de que o ferimento era mortal e

que estava prestes a expirar, invadiu-o um intenso terror e, sem saber o que dizia, gritou:

**"Sou
um
monge,
um
monge
de
Cister".**

Bernardo, chamado às pressas, recusou-se a comparecer. Declarou, em vez disso, ao mensageiro:

**"Assegurai-
lhe que o
seu
ferimento
não é
mortal,
mas que
lhe ficará
cravado
para
sempre".**

E assim sucedeu. Tal como Santo Inácio muitos anos mais tarde, Gerardo teve bastante tempo disponível para meditar na futilidade das coisas terrenas e na importância suprema das coisas eternas.





CAPÍTULO 11

Bernardo e seus novos companheiros não seguiram, todavia, imediatamente para Cister. Retirados temporariamente em Chatillon, foi considerado por eles um bom presságio quando, na primeira vez em que apareceram juntos na igreja, em 22 de outubro de 1111, terem escutado a leitura da seguinte passagem da Epístola aos Filipenses:

***"Aquele
que
pricipiou
em vós
uma boa
obra,
aperfeiçoa-
la-á até o
dia de
Jesus
Cristo".***





CAPÍTULO 12

Lembrou-se então Bernardo de um seu amigo dos tempos de estudante, Hugo de Macon, e propôs-se a que este jovem os acompanhasse ao convento. Hugo havia ouvido falar do estranho comportamento de Bernardo, mas havia entendido que ele estaria se preparando para uma viagem em peregrinação à Terra Santa, o que lhe parecia uma idéia interessante, mas quando entendeu que o destino era Cister, sentiu um desgosto profundo. Suspirava e lamentava-se inconsolavelmente. Na manhã seguinte as suas lágrimas ainda corriam, mas sua explicação já era outra:

*"Ontem
eu
chorava
por ti,
hoje eu
choro
por
mim",*

disse a Bernardo. Converteu-se.





CAPÍTULO 13

Bernardo dedicou-se a seguir a um apostolado regular entre os seus amigos e conhecidos. Tão maravilhoso foi o seu êxito que, segundo nos contam os escritores contemporâneos,

***"as mães
ocultavam-
lhe os
filhos, as
esposas os
maridos e
os amigos
os
conhecidos".***

O seu apelo fazia-se quase sempre irresistível pois, como os mesmos autores acrescentam,

***"o Espírito
Santo
conferia-lhe
um tal
fervor e
poder nas
suas
palavras
que estas
suplantavam
qualquer
outro
atrativo".***

Num espaço de tempo relativamente curto Bernardo reuniu na residência de seu pai em Chatillon trinta e dois jovens, alguns deles casados, e não poucos pertencentes às primeiras famílias de Borgonha.





CAPÍTULO 14

Quanto ao irmão Gerardo, durante este período esteve quase cinco meses recluso em sua prisão. Certa manhã, no começo da Quaresma, ouviu distintamente uma voz que lhe dizia:

***"Hoje
recuperarás
a
liberdade".***

O dia decorreu até ao anoitecer sem que surgisse a prometida libertação. Porém, a esta hora, ao sacudir as cadeias que lhe sujeitavam os pés, verificou assombrado que cediam ao seu impulso. O ferrolho da porta deslizou facilmente à sua pressão. No exterior encontrava-se uma enorme multidão a qual, em vez de impedir-lhe a fuga, dispersou-se aterrorizada. Nas ruas alguns dos carcereiros dirigiram-se-lhe e falaram com ele, aparentemente esquecidos que tratava-se de um prisioneiro, sem demonstrarem a menor surpresa em verem um inimigo transitar livremente pelas ruas da cidade. Por fim, após atravessar os portões da cidade sem encontrar obstáculo algum, dirigiu-se para Chatillon.





CAPÍTULO 15

Os jovens ali reunidos seguiam uma vida em comum, tendo a Bernardo como a seu superior virtual. O tempo era dedicado a exercícios espirituais como preparação para o futuro. Neste interim, um deles foi assaltado por uma visão estranha que os intrigou profundamente e que só o tempo poderia interpretar. Viu-os a todos sentados a uma mesa guarnecida de comida, maravilhosamente branca e de sabor agradável, que partilhavam animadamente com a exceção de dois deles. Um destes recusava tocá-la, o outro parecia impossibilitado de levá-la à boca. A visão foi explicada mais tarde com a deserção de dois de seus membros.





CAPÍTULO 16

A permanência dos amigos em Chatillon durou seis meses, de outubro a abril. Nessa ocasião, os assuntos que lhes haviam retardado a partida, entre eles a disposição de alguns assuntos pendentes de alguns dos membros, já estavam resolvidos e estavam livres para executarem os seus desígnios. Contudo, Bernardo e seus irmãos deviam ir antes a Fontaines para receber a bênção de despedida de seu pai. Foi uma cena comovente, os cinco nobres irmãos ajoelhados diante de Tescelin. Custou-lhe bastante o sacrifício de renunciar para sempre àqueles jovens que representavam o seu orgulho, esperança e felicidade. Mas dominando com esforço a emoção, abençoou-os em silêncio.





CAPÍTULO 17

Enquanto se afastavam, viram Nivard, um rapazinho de uns doze anos, entretido a brincar com outras crianças. Guido chamou-o e disse-lhe:

***"Irmãozinho,
quando
cresceres
serás rico,
pois
deixamos-te o
castelo e
todas as
outras
propriedades",***

ao que o jovem replicou:

***"Para vós
o céu, para
mim a
terra. Esta
distribuição
não é
justa".***





CAPÍTULO 18

**No castelo ancestral o desconsolado pai lamentava a
desaparição de suas esperanças e a perda de cinco dos seus
sete filhos. Seu desgosto teria sido mais intenso se pudesse
prever o dia não muito distante em que os dois destinados a
consolá-lo também seguiriam o exemplo dos irmãos. Então
nesse dia o velho fidalgo também trocará a solidão e a tristeza
das suas salas desertas pelo claustro.**





CAPÍTULO 19

Certo dia, próximo da Páscoa, no ano da graça de 1112, possivelmente no Domingo de Páscoa, o abade de Cister foi informado da chegada ao convento de um grupo de cavaleiros que desejavam falar-lhe. Bernardo falou em nome dos companheiros e solicitou para eles, assim como para si próprio, a admissão na irmandade. o santo abade compreendeu que aquilo era a realização da profecia e sentiu o coração repleto de gratidão e de alegria.





CAPÍTULO 20

Bernardo encontrava-se no vigésimo segundo ano da sua existência quando ingressou em Cister. Pouco ficou registrado da sua vida no noviciado. No entanto, sabemos como era preenchido o seu tempo, visto que a regra sagrada de São Bento, seguida à letra no convento, determina até os mais ínfimos pormenores as ocupações dos monges ao longo das dezoito ou dezenove horas de seu prolongado dia.





CAPÍTULO 21

Bernardo adquiriu um profundo gosto pela salmodia que lhe ocupava seis ou sete horas de cada dia. O tempo do ofício nunca lhe parecia suficientemente prolongado para a sua devoção. No capítulo do jejum e abstinência ultrapassava de longe as prescrições da regra, indubitavelmente com a aprovação dos superiores. Em conseqüência deste excesso contraíu, ainda como noviço, o cruel desarranjo gástrico que o atormentou toda a vida e o levou finalmente à sepultura. A tal ponto mortificou o seu paladar que pareceu ter perdido o sentido do gosto. Assim, conta-se que uma vez ingeriu por engano azeite em lugar de água sem que tivesse notado a diferença. O sentido da audição foi igualmente submetido a penitência. Escutou com excessiva atenção as notícias que vinham a comunicar-lhe a ponto de, ao chegar ao coro para o Ofício da Nona, descobrir a ausência de devoção e o seu espírito presa de distrações. O fato simplesmente decidiu-o a não voltar a prestar atenção a qualquer conversa.

Posteriormente, outras pessoas que o visitaram notaram que ele tapara os ouvidos com algodão. Com isso conseguiu um duplo propósito, o de não escutar as notícias que o distraíssem e o de adquirir a fama de estúpido. Com a vista podemos avaliar a que ponto ele acautelava os olhos pelo fato de que, no final de seu ano de noviciado ele ainda ignorava se o teto de seus aposentos era plano ou abobadado e de que forma era iluminada a igreja. Anos mais tarde ele percorreria um dia inteiro de viagem às margens do belíssimo lago Lemán sem ter erguido a vista uma única vez.





CAPÍTULO 22

O trabalho manual era a única coisa em que, apesar de sua boa vontade, Bernardo não conseguia igualar-se aos seus irmãos. A sua força revelou-se insuficiente para os pesados trabalhos do campo. Mas havia uma outra espécie de trabalho a que se dedicavam os monges de Cister durante o ano de noviciado de Bernardo. Santo Estêvão, conforme já dissemos, era um homem culto, dos mais cultos de sua época. Logo que foi nomeado abade empreendeu uma tarefa que lhe valeu a admiração de todos os estudantes de gerações posteriores. A existência de inúmeras variações nos códices das Sagradas Escrituras sugeriu-lhe a idéia de elaborar uma nova edição revista para a utilização dos monges. Constituíu um empreendimento que implicava a compilação de versões em diversas línguas, a fim de obter a melhor leitura possível. A obra traduziu-se num amplo sucesso e ainda hoje é de grande importância. Em seguida Estêvão dedicou-se ao Missal fazendo com este e com vários outros textos litúrgicos e até com a Regra de São Bento e o calendário o que já havia feito com a Bíblia.





CAPÍTULO 23

Bernardo chegou ao termo de seu noviciado com a saúde abalada, mas mais decidido do que nunca a consagrar a vida à prática da penitência. A sua carreira constituiria um holocausto, uma renúncia do seu ser que cravar-se-ia na cruz com os votos irrevogáveis da religião. Nunca se permitiu desviar-se um mínimo deste objetivo. Era seu costume reanimar sua devoção, em especial ao enfrentar alguma dificuldade, colocando diante de si próprio a interrogação:

***"Bernardo,
Bernardo,
a que
vieste?"***

Prestaram então os votos de pobreza, castidade, obediência, conversão de hábitos e firmeza, de acordo com o cerimonial observado ainda hoje na Ordem Cisterciense.

